

# TABULEIRO DE LETRAS

## **Práticas translíngues: o repertório linguístico do sujeito bilíngue no século XXI**

### **Translingual practices: the bilinguals' linguistic repertoire in the 21<sup>st</sup> century**

Antonieta Heyden Megale<sup>1</sup>  
Helena Regina Esteves de Camargo<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo discutir a noção de bilinguismo e de sujeito bilíngue, a partir de uma visão de língua heteroglóssica, relacionada às experiências identitárias e às práticas linguísticas de sujeitos em sua condição bilíngue no século XXI (GARCÍA, 2009; BUSCH, 2012). Para tanto, analisamos uma entrevista com um adolescente bilíngue, cuja família possui membros nos EUA e no Brasil. Com base nessa entrevista, selecionamos excertos que evidenciam uma concepção de bilinguismo monoglóssica por parte do entrevistado, ao mesmo tempo em que demonstram a impossibilidade de separação de suas línguas, o que resulta em sua prática translíngue (GARCÍA, 2009; CANAGARAJAH, 2011; 2013).

**Palavras-chave:** Bilinguismo; Prática translíngues; Repertório bilíngue.

**ABSTRACT:** This article aims at discussing the concept of bilingualism and bilingual individual from a heteroglossic vision of language, related to the identity experiences and linguistic practices of individuals in their bilingual condition in the 21st century (GARCÍA, 2009; BUSCH, 2012). Therefore, we analyzed an interview with a bilingual teenager, whose family has members in the USA and in Brazil. From this interview, we selected excerpts that point to a monoglossic concept of bilingualism by the interviewee and demonstrate the impossibility of separating his languages, which results in his translingual practice (GARCÍA, 2009; CANAGARAJAH, 2011; 2013).

**Keywords:** Bilingualism; Translingual practice; Bilingual repertoire.

## 1. INTRODUÇÃO

Blommaert (2010) enfatiza que se faz necessária a atualização da área de estudos sociolinguísticos na era da globalização. Para tanto, se faz premente a implementação de novas ideologias que entendam a linguagem como um conjunto de práticas perpetuamente móveis no tempo e no espaço.

---

<sup>1</sup>Doutoranda do programa de Linguística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. [antonietahyden@hotmail.com](mailto:antonietahyden@hotmail.com)

<sup>2</sup>Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas. [helcamargo@yahoo.com.br](mailto:helcamargo@yahoo.com.br)

Dessa forma, o autor defende a ideia de uma sociolinguística fundada na mobilidade e comprometida com recursos comunicativos concretos utilizados pelos indivíduos em sua vida cotidiana e que refletem sua história e sua trajetória de vida, “vivida em espaço sociocultural, histórico e político real” (BLOMMAERT, 2010, p. 171).

Nessa direção, Busch (2012) defende a noção de repertório linguístico em detrimento das divisões clássicas de primeira e segunda língua e propõe que reexaminemos esse conceito a partir da noção de translíngua. A esse respeito, García (2009) defende que é coerente a denominação translíngua quando se descrevem as práticas linguísticas do sujeito bilíngue a partir da perspectiva dos falantes, e não simplesmente a partir do uso das línguas ou do contato linguístico. Para a autora, a translíngua se refere às múltiplas práticas discursivas nas quais os bilíngues se engajam para que seu mundo bilíngue faça sentido.

Nessa vertente, a pesquisa apresentada neste trabalho tem como objetivo discutir a noção de bilinguismo e de sujeito bilíngue, partindo de uma visão de língua heteroglósica, relacionada às experiências identitárias e às práticas linguísticas de um adolescente brasileiro, nomeado de Fabiano, bilíngue em português e inglês. Com base no seu relato sobre o fato de que escreve mensagens de texto em seu telefone celular exclusivamente em inglês, a professora de Fabiano pediu para que ele preenchesse um diário documentando seu uso da escrita no celular por um dia, a fim de levantar informações sobre os seus interagentes nas trocas de mensagem de texto e sobre o repertório linguístico acessado nas mensagens. Em seguida, a professora conduziu e gravou em áudio uma entrevista semiestruturada com Fabiano para obter mais detalhes sobre as informações registradas no diário.

Os dados coletados foram, então, analisados e estão organizados neste trabalho em duas seções: (i) concepções de bilinguismo e de sujeito bilíngue e (ii) práticas translíngues.

Na seção seguinte, apresentamos o arcabouço teórico acerca de práticas bilíngues (GARCÍA, 2009; BUSCH, 2012; CANAGARAJAH, 2011, 2013 e MAHER, 2007a e 2007b) que nos serviu de base para a análise dos dados gerados por meio da entrevista com Fabiano.

## 2. PRÁTICAS BILÍNGUES

Na visão popular, ser bilíngue é o mesmo que ser capaz de falar duas línguas perfeitamente. Autores como Bloomfield (1935) e Macnamara (1967) corroboraram a noção popular, ao defender a ideia de um bilíngue balanceado que teria a incumbência de utilizar suas duas línguas da mesma maneira que faria um falante nativo de cada uma dessas línguas.

No entanto, desde a emergência dos estudos da sociolinguística em 1960, ou seja, das questões relacionadas a como as línguas e seus usos variam de acordo com o contexto social e com os interlocutores envolvidos, o sujeito bilíngue é hoje entendido para muito além da tradicional concepção de bilinguismo balanceado (GARCÍA, 2009, p. 45).

García (2009) salienta que as línguas de um indivíduo raramente são utilizadas da mesma maneira, uma vez que elas se diferem em relação ao seu valor social e ao seu prestígio na sociedade. A autora aponta para o fato de que o indivíduo bilíngue balanceado não existe, tendo em vista que essa crença se equivale à ideia de que esse sujeito seria como dois monolíngues, cada um fluente em uma das duas línguas.

García (2009) questiona os modelos de bilinguismo monoglóssicos que nomeiam uma língua claramente como a primeira e a língua adicional como a segunda língua. Segundo a autora, essas visões de bilinguismo trabalham com a visão do indivíduo bilíngue como um duplo monolíngue e, dessa forma, não respondem mais à grande complexidade linguística do século XXI.

A autora propõe que as noções de indivíduo bilíngue e, conseqüentemente de bilinguismo, sejam reconsideradas a partir de uma visão heteroglóssica, que não vê essas línguas como separadas completamente, mas sim considerando que o sujeito se constitui na imbricação de ambas.

Nessa perspectiva, ao examinar as práticas linguísticas de indivíduos bilíngues, García (2009) define que essas práticas são exemplos de translinguismo. Para a autora, a noção de translinguismo se refere às múltiplas práticas discursivas nas quais os bilíngues se engajam e dão sentido aos seus mundos. Portanto, a autora defende que o translinguismo é a norma comunicativa de comunidades bilíngues e não pode ser comparada à utilização da língua por monolíngues.

Como essa noção tem recebido cada vez mais atenção dos estudiosos em áreas diversas, Canagarajah (2011, p. 2) fez um levantamento dos diferentes nomes que o fenômeno recebe em áreas distintas:

Composição: codemeshing (CANAGARAJAH, 2006; YOUNG, 2004);  
letramento transcultural (LÜ, 2009); escrita translíngue (HORNER et al.)  
Estudos de novos letramentos: multiletramentos (COPE e KALANTZIS, 2000), contínuo de biletamento (HORNBERGER, 2003), pluriletramentos (GARCIA, 2009).  
Linguística Aplicada: plurilinguismo (COUNCIL OF EUROPE, 2000), terceiro espaço (GUTTIEREZ, 2008); metrolinguismo (PENNYCOOK, 2010).  
Sociolinguística: fluídos selecionados (AUER, 1999); hetero-grafia

(BLOMMAERT 2008); polilinguismo (JORGENSEN, 2008).

O autor explica esse conceito, ao afirmar que, para um indivíduo bi/multilíngue, suas línguas fazem parte de um repertório que é acessado para propósitos comunicativos.

Busch (2012) também defende a noção de repertório linguístico em detrimento das divisões clássicas de primeira e segunda língua. Para tanto, Busch (2012) propôs uma redefinição do conceito de repertório verbal de uma comunidade de fala de Gumperz (1960, 1964) a partir da condição de superdiversidade (VERTOVEC, 2007). Para Gumperz (1964, p.137), o repertório verbal de uma comunidade de fala é definido como “a totalidade das formas linguísticas empregadas no curso das interações socialmente significativas”.

A ideia de comunidade de fala, proposta por Gumperz (1968, p.219), como um “grupo humano caracterizado por manter interações frequentes e regulares por meio de um conjunto de signos verbais compartilhados”, é redimensionada por Vertovec (2007), que invoca o conceito de superdiversidade. O autor tem como objetivo enfatizar o fato de que houve um crescimento enorme nas categorias de imigração. Isso ocorreu não apenas em termos de nacionalidade, etnicidade, língua e religião, mas ocorreu também em decorrência das diferentes razões para a imigração e dos diferentes padrões e itinerários dos contingentes migratórios. A noção de superdiversidade sugere que a comunidade de fala proposta por Gumperz (1968) já não é mais tão facilmente caracterizada.

A partir dessa perspectiva, García (2009) ressalta que conceitos como “semilinguismo”, “língua dominante”, “língua materna”, “aprendizes de segunda língua” e “aprendizes de línguas de herança”, até então aceitos nos estudos sobre educação bilíngue, começam a ser questionados. Isso ocorre, primeiramente, porque esses conceitos emergiram a partir de estudos sobre bilinguismo realizados apenas por ângulos linguísticos, e não a partir da perspectiva dos próprios bilíngues que translinguam como uma prática comum. Além disso, se nós adotarmos a perspectiva dos indivíduos bilíngues que translinguam, então nós podemos substituir termos como “aprendizes de segunda língua” e “aprendizes de línguas de herança” simplesmente por “indivíduos bilíngues”. A autora salienta que colocar o bilinguismo no centro da discussão e insistir que esses alunos são “bilíngues emergentes”, ou bilíngues engajados em práticas translíngues complexas, pode nos levar ao abandono de pontos de vista monolíngues e, com isso, passaríamos a utilizar “lentes heteroglóssicas” (GARCÍA, 2009, p. 56) que nos permitiriam uma visão mais abrangente da extensão das práticas linguísticas e das experiências de indivíduos bilíngues.

Canagarajah (2013) contribui para essa discussão, ao afirmar que as línguas formam um sistema integrado e, dessa forma, a competência bi/multilíngue emerge de práticas locais nas quais as línguas são negociadas para comunicação. O autor salienta que a competência linguística não consiste em competências separadas para cada uma das línguas, mas em uma multicompetência que funciona simbioticamente para as diferentes línguas no repertório do sujeito. Isso significa que a proficiência de bi/multilíngues tem como foco a construção do repertório, ou seja, o desenvolvimento de habilidades em funções diferenciadas para cada língua, o que é diferente de possuir domínio total de cada uma das duas línguas, como advoga o bilinguismo balanceado.

Nesse sentido, Maher (2007b) também enfatiza o desempenho linguístico variado por parte dos bilíngues de acordo com a prática comunicativa:

O bilíngue – não o idealizado, mas o de verdade – não exibe comportamentos idênticos na língua X e na língua Y. A depender do tópico, da modalidade, do gênero discursivo em questão, a depender das necessidades impostas por sua história pessoal e pelas exigências de sua comunidade de fala, ele é capaz de se desempenhar melhor em uma língua do que na outra - e até mesmo de se desempenhar em apenas uma delas em certas práticas comunicativas (MAHER, 2007b, p. 73).

Segundo a autora, o importante é entender a carga funcional do sujeito bilíngue que, diferentemente do que ocorre com o monolíngue, encontra-se dispersada nas duas línguas de seu repertório linguístico. Desse modo, a avaliação de sua competência comunicativa implica necessariamente que se considerem as funções que essas línguas têm para o bilíngue.

À luz do discutido nesta seção, o conceito de bilinguismo e sujeito bilíngue que propomos neste trabalho está apoiado nos estudos acerca de repertório linguístico de Busch (2012) e Canagarajah (2013), das práticas translíngues de García (2009) e Canagarajah (2011, 2013) e das reflexões acerca da competência linguística do sujeito bilíngue, propostas por Maher (2007a e 2007b). Dessa forma, pensaremos a competência do indivíduo bilíngue em termos de alguém que “opera em um universo discursivo próprio, que não é nem o universo discursivo do falante monolíngue nem o do falante de língua estrangeira” (MAHER, 2007b, p.77-78).

### 3. METODOLOGIA

A pesquisa apresentada neste trabalho tem como objetivo discutir a noção de bilinguismo e de sujeito bilíngue a partir de uma visão de língua heteroglóssica, relacionada

às experiências identitárias e às práticas linguísticas de um adolescente brasileiro bilíngue em português e inglês.

Fabiano – nome fictício dado ao aluno – tem 13 anos e estuda inglês em um curso de idiomas há cinco anos. Além do estudo formal da língua, Fabiano tem contato com o idioma devido a três primas que residem nos Estados Unidos com sua família, por conta do emprego de seu pai. Fabiano e as primas se comunicam majoritariamente em inglês.

A motivação para este trabalho surgiu durante uma aula de inglês na qual uma das pesquisadoras era a professora do grupo de Fabiano. Durante a aula, Fabiano mencionou que escrevia suas mensagens de texto em seu telefone celular<sup>3</sup> exclusivamente em inglês.

A partir desse relato, a professora pediu que Fabiano preenchesse um diário documentando seu uso da escrita no celular por um dia, para levantar informações sobre os seus interagentes nas trocas de mensagem de texto e sobre o repertório linguístico acessado nas mensagens. Em seguida, foi conduzida e gravada em áudio uma entrevista semiestruturada com Fabiano para obter mais detalhes sobre as informações registradas no diário.

#### 4. ANÁLISE DOS DADOS

A partir dos dados gerados pela entrevista com Fabiano, delimitamos excertos que consideramos relevantes para caracterizarmos as práticas bilíngues do sujeito de pesquisa e suas impressões sobre elas. Para tanto, esta seção está organizada em duas partes: (i) concepções de bilinguismo e de sujeito bilíngue e (ii) práticas translíngues.

##### 4.1 Concepções de bilinguismo e de sujeito bilíngue

Nos excertos analisados, evidenciamos as impressões de Fabiano relacionadas ao seu bilinguismo e à sua condição de falante bilíngue. Essas percepções constituem o imaginário de Fabiano, o que implica na relação que trava com as duas línguas que o constituem: o português e o inglês. Ressaltamos que a análise dos registros, apresentada a seguir, está

---

<sup>3</sup>O telefone celular, utilizado por Fabiano, é o *Blackberry*, e o aplicativo de mensagens instantâneas é o *BBM*, exclusivo para usuários do *Blackberry*. Pelo *BBM*, as mensagens podem ser trocadas entre duas pessoas ou entre grupos sem limite de caracteres. Há também a possibilidade de criar um perfil, mostrar o status de disponibilidade dos contatos, postar e enviar fotos e inserir legendas nos perfis e fotos. Tudo isso é feito em tempo real e sem a necessidade do acesso à Internet.

organizada de forma a materializar as impressões de Fabiano acerca de suas línguas e de sua condição.

No primeiro excerto, Fabiano discorre sobre sua percepção das línguas que julga serem maternas: português para si mesmo e o inglês para suas primas:

Fabiano: Because they didn't know how to speak Portuguese a lot... they know, they knew, but like not that good, and I used to know things like "hi, how are you, my name is...". And I think their English, no, their Portuguese was like bad, it wasn't good. It's like me speaking English... they speaking Portuguese is like me speaking English<sup>4</sup>.

Observamos que Fabiano confere ao seu dizer um sentimento de segurança em relação à língua que julga ser materna, o português, e aduz não experimentar a mesma sensação de conforto em inglês, o que anuncia também ocorrer com suas primas em relação ao português. Fabiano emite, nesse relato, a ilusão de que tudo o que disser na língua materna pode ser expresso com naturalidade. Essa visão coaduna com a ideia do falante nativo, ou aquele que possui a competência do falante nativo, como o único competente ao utilizar essa língua.

Na tessitura do dizer de Fabiano, podemos também desvelar um dizer sobre línguas distintas: a língua materna que o sujeito acredita ser completa e transparente e a língua estrangeira que é a língua do desconforto e do estranho. Depreendemos do dizer de Fabiano que as línguas que o constituem e constituem suas primas são línguas que funcionam separadamente e, sendo assim, são puras e homogêneas. Desse modo, Fabiano coloca em questão tanto sua condição de indivíduo bilíngue quanto a de suas primas. Fabiano critica seu desempenho em inglês e o desempenho das primas em português e parece se apoiar no conceito de que bilíngues competentes seriam os balanceados, como proposto por Bloomfield (1935) e Macnamara (1967). Ou seja, Fabiano parece acreditar que o bilíngue deve ser aquele com desempenho linguístico igual nas duas línguas, o que não ocorre com ele nem com suas primas.

Fabiano prossegue seu julgamento em relação ao seu próprio desempenho linguístico e ao de suas primas, ao enunciar que:

Fabiano: No, it's not that. I think it's good, but it could be better. And now they speak Portuguese good, like they're not bad, but they could be really better. And I think I could be better too in English. I think I have a good accent because I got this accent from them, but I think I can **aperfeiçoar** my accent, and I think I can, I need

---

<sup>4</sup> Fabiano: Porque elas não sabem como falar português muito ... elas sabem, elas sabiam, mas não muito bem, e eu sabia coisas como "oi, como vai, meu nome é ...". E eu acho que o inglês delas, não, o português delas era ruim, não era bom. É como eu falando inglês ... elas falando português é como eu falando inglês.

to stop like **enrolar** with my words because I **troco** some words. I put Portuguese words into my speech, and I know this isn't wrong, but I just don't like it, I prefer, I wish I could say everything in English, you know. Just like I wish I could live a life, let's say it like this, all in English, you know, I think someday I'll, I can do<sup>5</sup>.

Nesse excerto, Fabiano denuncia uma marca de tensão ao enunciar o desejo de dominar a língua por completo – suas primas e ele poderiam “ser melhores” em suas línguas não consideradas nativas. Fabiano, ao comentar sobre seu bilinguismo, enuncia não ter um controle nativo ou balanceado nas duas línguas, como sugerem as visões tradicionais de bilinguismo. Outro aspecto relevante é quando Fabiano comenta sobre seu sotaque. De acordo com ele, seu sotaque é bom, uma vez que ele o adquiriu de suas primas que são falantes nativas de inglês. Mais uma vez, nos deparamos com a concepção de bilinguismo como o controle nativo de duas línguas que ainda vigora em nossa sociedade atual e é amplamente utilizada para a definição de bilíngues.

Ao avaliar seu desempenho linguístico, Fabiano comenta sobre o fato de que utiliza palavras em português enquanto fala inglês. Percebemos aqui sua visão de que as suas línguas não devem se misturar. Fabiano concebe suas línguas como espaços autônomos e independentes – visão monoglóssica de língua. Embora ele diga que sabe que isso não é errado, a ideia de transliguar não o agrada, uma vez que não considera seu repertório linguístico como sua forma de comunicação e entende suas línguas como territórios protegidos que não devem ser misturados.

Fabiano afirma que gostaria de viver uma vida apenas em inglês. Nesse momento, ele parece entender que a vida em uma língua o priva de outra vida em outra língua. Para ele, parece impossível uma vida em duas línguas. Há um sentimento de que falta algum espaço a ser preenchido. Essa passagem argumenta a favor de uma visão tradicional de bilinguismo, que defende a ideia da existência de espaços monolíngues protegidos e, desse modo, estar em um desses espaços faz com que o sujeito se ausente do outro espaço reservado à outra língua e, com isso, há sempre a sensação de que se perdeu algo enquanto se ocupava um desses espaços.

---

<sup>5</sup>Fabiano: Não, não é isso. Eu acho que é bom, mas poderia ser melhor. E agora elas falam português bem, elas não são ruins, mas elas poderiam ser melhores. E eu acho que eu poderia ser melhor em inglês também. Eu acho que eu tenho um bom sotaque porque eu peguei este sotaque delas, mas eu acho que eu posso aperfeiçoar meu sotaque, e eu acho que eu posso, eu preciso parar de enrolar as palavras porque eu troco algumas palavras. Eu coloco palavras em português em minha fala, e eu sei que isso não é errado, mas eu apenas não gosto disso, eu prefiro, eu gostaria de conseguir dizer tudo em inglês, você sabe. Assim como eu desejo que eu conseguisse viver uma vida, vamos dizer, toda em inglês, você sabe, eu acho que algum dia eu vou, eu vou conseguir.

A seguir, selecionamos alguns excertos que nos possibilitaram discutir e analisar o repertório linguístico de Fabiano, a partir da concepção de translinguismo, discutida em nosso referencial teórico.

#### 4.2 Práticas translíngues

Como discutido na primeira seção, intitulada “Práticas Bilíngues”, translinguismo é uma perspectiva de práticas linguísticas que engloba a dinâmica das interações entre línguas e comunidades, em vez de conceber as línguas como sistemas independentes, separados. Esse deslocamento, de uma abordagem que compreendia língua como um sistema demarcado, para outra que reconhece a fluidez e a criatividade presentes nas práticas linguísticas, ajuda-nos a elucidar nosso entendimento sobre bilinguismo.

O primeiro excerto selecionado foi gerado a partir da dúvida da entrevistadora quanto a uma palavra criada por Fabiano e seus amigos, o *subnick*. Essa palavra havia aparecido em seu diário quando Fabiano descreveu uma publicação feita em seu perfil naquele dia, a de que ele havia trocado seu *subnick*. Essa criação de palavra mostra claramente a interação entre recursos linguísticos e semióticos, ou seja, as línguas faladas por Fabiano, português e inglês, e a visualização da posição em que se encontra o *subnick* na tela do Blackberry.

Entrevistadora: What’s a subnick?<sup>6</sup>

Fabiano: It’s a kind of message that is in your profile... because your profile has a picture, your name, your status and your subnick. We call it subnick, like, me and my friends. We call it subnick because we say our name is the nick. So this subnick is under the name. So it’s like a subnick. But it’s a message. In Portuguese it would be **mensagem pessoal** because, if you go to the BBM in the Blackberry, it will be **mensagem pessoal**. It’s a thing you wanna write. You write it, and it stays in your profile<sup>7</sup>.

Entrevistadora: Ok. So it’s not an **apelido**<sup>8</sup>

Fabiano: No<sup>9</sup>.

<sup>6</sup>Entrevistadora:O que é um subnick?

<sup>7</sup>É um tipo de mensagem que vai no seu perfil... porque seu perfil tem uma foto, seu nome, seu status e seu subnick. Nós chamamos de subnick, tipo, eu e meus amigos. Nós chamamos de subnick porque dizemos que nosso nome é o nick. Então esse subnick está abaixo do nome. Então é tipo um subnick. Mas é uma mensagem pessoal porque, se você for ao BBM no Blackberry, vai ser mensagem pessoal. É uma coisa que você queira escrever. Você escreve e fica no seu perfil.

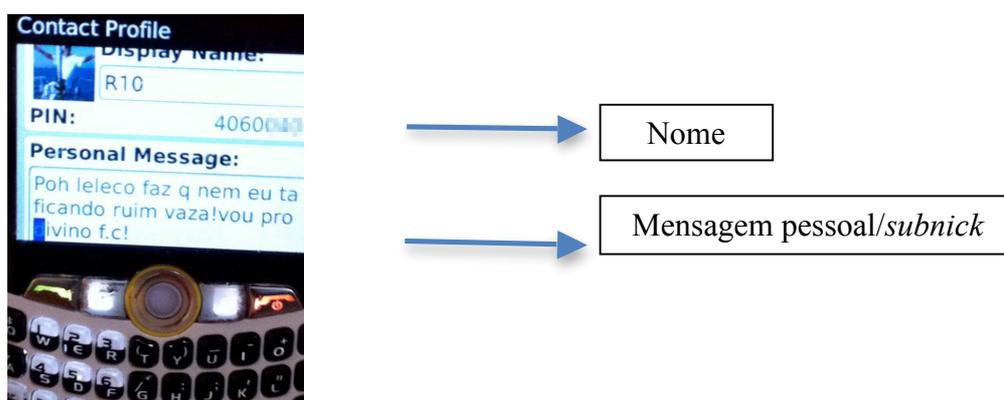
<sup>8</sup>Está bem. Então, não é um apelido.

<sup>9</sup> Não

Para formar a palavra *subnick*, Fabiano parte do sintagma *nick*, forma abreviada da palavra *nickname*, que significa apelido. Em seguida, por causa da localização dessa mensagem pessoal em relação ao campo do nome, que pode também ser um apelido, Fabiano adiciona o prefixo *sub*, parte do léxico tanto do português quanto do inglês, indicando que a mensagem pessoal encontra-se abaixo do nome, conforme exemplificado a seguir:

Figura 1 – Tela do *BBM* no *Blackberry*

Fonte: Blog do Leo Dias<sup>10</sup>



Notamos que, em interação com seus amigos usuários do *BBM*, Fabiano não recorre a uma tradução direta da frase *mensagem pessoal* para *personalmessage*, o que seria um recurso referente a uma visão monoglóssica de língua, segundo a qual os significados seriam simplesmente transferidos de um sistema linguístico para o outro de maneira equivalente. Em vez disso, Fabiano cria uma palavra nova e estende os significados separados de mensagem pessoal e de *subnick* para mensagem localizada abaixo do nome. Percebemos, portanto, uma fusão dos códigos linguísticos e semióticos que resultaram na criação de um significado relevante e de uma nova indexicalidade. Desse modo, podemos dizer que Fabiano translingua. Percebemos, conforme proposto por Canagarajah (2013), que as línguas de Fabiano não são mantidas em compartimentos cognitivos separados, cada qual com seu tipo de competência e sua associação a diferentes grupos linguísticos. Sob a ótica do translinguismo, além dos recursos linguísticos, “os recursos semióticos do repertório ou da sociedade de um indivíduo interagem, formam parte de um recurso integrado e ampliam um ao outro”

<sup>10</sup>Disponível em: <http://blogs.odia.ig.com.br/leodias/2012/06/01/ronaldinho-gaicho-diz-que-vai-para-o-divino-futebol-club/>. Acesso em: 08 maio 2015.

(CANAGARAJAH, 2013, p. 8). Ao passarem por esse processo, as línguas se misturam de maneira transformadora, gerando novos sentidos e novas gramáticas.

Por fim, vale apontar que Fabiano cria o *subnick* com seus amigos para suprir uma possível falta de significado da frase *mensagem pessoal* no contexto de trocas de mensagens de texto pelo *BBM*. Para aquela determinada situação, em interações com outros usuários do *BBM*, a palavra *subnick* é negociada para melhor atender aos propósitos comunicativos do grupo.

No excerto a seguir, Fabiano explica que, apesar de o inglês não ser a língua falada em casa, há ocasiões em que ele é necessário, como quando há termos em inglês sem equivalência em português ou quando o pai intenciona causar humor:

Fabiano: In my house, like, my dad, my mom or brother, we don't speak English. Sometimes some terms, you know, like, I don't know, sometimes some terms that don't exist in Portuguese. Sometimes my dad, he plays with me, like, he puts in the **novela**, for fun, he doesn't like it, me neither, and there's a phrase in Portuguese really **cafona**, and he translates to English...<sup>11</sup>

Em contextos bilíngues, no qual translinguar é a norma, muitas vezes, podemos perceber um aspecto transcultural dos bilíngues, pois pode haver uma relação entre suas práticas linguísticas e uma identidade de grupo. É possível que falar duas línguas signifique pertencer a duas ou mais comunidades linguísticas e, por consequência, estar vinculado a mais de uma cultura. Por outro lado, embora o sujeito seja bilíngue, também é possível que ele pertença e atue dentro de uma cultura principal, como Fabiano e sua família, que residem no Brasil. O translinguismo, além de refletir uma quantidade maior de escolhas e de expressões do que um monolíngue poderia transmitir, também transmite conhecimento cultural combinado que vem a afetar o uso da língua (GARCÍA, 2009, p. 47).

Nesse sentido, a menção à novela é significativa. Fabiano recorre à palavra novela de seu repertório. Uma possível explicação para sua escolha é o fato de essa palavra ser a mais presente em seu cotidiano, uma vez que Fabiano é brasileiro, residente em São Paulo e atua, principalmente, dentro da cultura brasileira, da qual as novelas são parte integrante. Novela é uma tradição da programação televisiva brasileira e tem aspectos únicos e diferentes das novelas de outros países (menor duração, transmissão de segunda a sábado, poucos personagens centrais, para citar alguns). Levando-se em conta que Fabiano não assiste a

---

<sup>11</sup>Na minha casa, tipo, meu pai, minha mãe ou irmão, nós não falamos inglês. Às vezes, alguns termos, sabe, tipo, sei lá, às vezes, alguns termos que não existem em português. Às vezes, meu pai, ele brinca comigo, tipo, ele coloca na novela, por diversão, ele não gosta, eu também não, e tem uma frase em português muito cafona, e ele traduz para o inglês.

novelas em inglês, seria pouco provável que ele recorresse a qualquer outra opção presente em seu repertório linguístico para significar novela, algo tão presente em sua cultura brasileira.

Fabiano menciona que seu pai coloca na novela apenas por diversão, para exercitar o humor, pois não gosta delas. Ainda que Fabiano diga que também não gosta de novelas, ele assiste com seu pai de vez em quando; portanto, podemos deduzir que assistir a novelas seja uma prática da família. A prática de assistir a novelas somada ao recurso à palavra novela de seu repertório ressaltariam o pertencimento de Fabiano à cultura brasileira e exemplificariam como o translinguismo pode exprimir conhecimento cultural que afeta a língua.

Outro componente cultural relevante no excerto citado é o humor. O que é considerado engraçado varia de uma cultura para outra, uma vez que o humor é uma construção a partir das representações de mundo de uma comunidade. Para causar humor, o pai de Fabiano traduz frases cafonas em português para o inglês.

Logo no início do excerto, Fabiano declara a falta de equivalência total entre suas línguas e relata que tanto ele quanto sua família fazem uso de seus repertórios linguísticos para construir sentidos. É nesse sentido que podemos perceber uma característica marcante associada ao bilinguismo, que é a de que “o bilíngue dispõe de recursos que não estão acessíveis aos monolíngues para constituir atividades verbais socialmente significativas” (AUER 1995, apud GARCÍA, 2009, p. 48). Refutamos a ideia de que o bilíngue tenha dois repertórios linguísticos, cada qual com seu sistema estrutural e lexical, mas defendemos que ele possua um repertório constituído por línguas sem delimitação claramente definidas, um contínuo linguístico para ser acessado. Por ter um repertório diferenciado do dos monolíngues, o bilíngue dispõe de mais escolhas linguísticas para a criação de sentidos. Esse repertório diferenciado também é exemplificado por Fabiano no excerto seguinte:

Fabiano: So I speak English to my teachers, to my cousins, to my family sometimes, and to my friends when like there's no other way to **expressar** yourself, you know? Like when, there's this phrase “by the way”, I just, I can't find, find like a word that can **substituir** this in Portuguese. So always when I want to say “by the way”, I say “by the way”. Sometimes people don't understand, “why did you say “by the way”?”, and I say because there's no other word to say this, you know? “By the way” is “by the way”. I think in Portuguese it would be “**aliás**”, but not for me, I think. “Bytheway” is unique<sup>12</sup>.

<sup>12</sup>Então, eu falo inglês com meus professores, com minhas primas, com a minha família às vezes e com meus amigos quando, tipo, não tem nenhum outro jeito de se expressar, sabe? Tipo quando tem essa frase “bytheway”, eu digo “bytheway”. Às vezes, as pessoas não entendem, “por que você disse ‘bytheway?’”, e eu digo que é porque não tem nenhuma outra palavra em português para dizer isso, sabe? “Bytheway” é “bytheway”. Eu acho que em português seria “aliás”, mas não para mim, eu acho. “By the way” é único.

Em outro momento da entrevista, ao relatar com quem fala inglês, Fabiano menciona novamente a necessidade de recorrer ao seu repertório linguístico contínuo para construir sentidos de seu mundo bilíngue. Para ele, há vezes em que não há forma alguma de se expressar em uma única língua e que certos sentidos só podem ser passados por determinados itens do repertório e não podem ser substituídos por outros, como é o caso da expressão *bytheway*. Para Fabiano, somente *bytheway* é capaz de expressar um significado; assim, a diferença está no sentido e não nas línguas. Conforme aponta Busch (2012, p. 4),

as abordagens do translinguismo marcam um deslocamento da visão de língua que centraliza estrutura, sistema e regularidade para abordagens que reconhecem a fluidez e a criatividade nas práticas linguísticas. O foco de interesse de translinguar não está nas línguas, mas sim no discurso e no repertório e, portanto, as línguas não devem ser entendidas inquestionavelmente como categorias estáveis.

Dada a complexidade das comunidades de fala no século XXI, o translinguismo é cada vez mais uma regra do que exceção, conforme pudemos atestar a partir das análises dos excertos selecionados da entrevista concedida por Fabiano.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises do discurso de Fabiano acerca de seu repertório linguístico apontam para uma discordância entre suas impressões sobre seu bilinguismo e suas práticas translíngues. Apesar de Fabiano demonstrar ter uma concepção sobre bilinguismo, que se aproxima do conceito de bilinguismo balanceado proposto por Bloomfield (1935) e Mcnamara (1967), suas práticas mostram que ele se comunica e se expressa muito bem em suas duas línguas e recorre ao seu repertório linguístico para fazer sentido de seu mundo bilíngue. O que Fabiano pensa e sente em relação à sua competência nas duas línguas é diferente de como atua com elas.

Essa distância entre o pensar sobre bilinguismo e o atuar em um mundo bilíngue, demonstrado por Fabiano, indica que, apesar dos estudos recentes, ainda perduram os modelos de bilinguismo monoglóssicos e, com eles, a concepção do falante nativo como autoridade de sua língua.

Consideramos que nossas análises das práticas translíngues de Fabiano nos leva às seguintes premissas: (i) seus idiomas fazem parte de um repertório que é acessado para fins comunicativos; (ii) suas línguas formam um sistema integrado e (iii) sua competência emerge de práticas locais em que duas línguas são negociados para a comunicação. A esse respeito, deve-se considerar o fato de que a competência bilíngue consiste em uma bi/

multicompetência com funções distintas para as línguas que formam seu repertório linguístico. Dessa forma, a competência linguística dos bilíngues deve ser centrada na construção do repertório linguístico em vez do domínio de cada língua separadamente (CANAGARAJAH, 2011).

Portanto, ousamos dizer que são necessários mais estudos que focalizem as práticas dos sujeitos bilíngues, pois a partir delas seria possível pensar modelos de ensino de línguas e modelos de educação bilíngue mais apropriados ao contexto sócio-histórico do século XXI, ou seja, modelos que entendam que as línguas utilizadas para comunicação fazem parte do repertório linguístico do sujeito. Assim, elas são parte de um sistema integrado de produção de sentido a partir de práticas sociais.

Nessa vertente, apoiados em uma visão de educação linguística crítica (MAHER, 2007a) ou uma educação linguística ampliada (CAVALCANTI, 2013), entendemos que para atuar no mundo contemporâneo, o professor deve ter conhecimentos que vão muito além dos relacionados à língua alvo. Um professor no mutante e híbrido mundo atual precisa desenvolver sua “sensibilidade à diversidade e pluralidade cultural, social e linguística” (CAVALCANTI, 2013, p. 212), a fim de entender seus alunos, não como falantes monoglóssicos deficientes, mas sim, como potentes narradores heteroglóssicos (KRAMSCH, 1995).

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLOMMAERT, J. **The sociolinguistics of globalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BLOOMFIELD, L. Linguistic aspects of science. **Philosophy of Science**.499-517. Reprinted in Hockett, 1970, pp. 307-321, 1935.

BUSCH, B. The Linguistic Repertoire Revisited. **Applied Linguistics Advance Access**, Oxford, p. 1-22, out. 2012.

CANAGARAJAH, S. Translanguaging in the classroom: Emerging issues for research and pedagogy. **Applied Linguistics Review**, 2, 1-28, 2011.

CANAGARAJAH, S. **Translingual Practice: Global Englishes and Cosmopolitan Relations**. London and New York: Taylor & Francis Group, 2013.

CAVALCANTI, M. Educação linguística na formação de professores de línguas: intercompreensão e práticas translíngues. In: Moita Lopes, L.P. (org.) **Linguística Aplicada**

na **Modernidade Recente** – Festschrift para Antonieta Celani. São Paulo: Parábola/Cultura Inglesa, 2013, pp 211-226.

GARCÍA, O. **Bilingual education in the 21st century: A global perspective**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2009.

GUMPERZ, J. Formal and informal standards in Hindi regional language area in C. A. Ferguson and J. Gumperz (eds): *Linguistic Diversity in South Asia*, Vol. III. RCAPF-P, pp. 92–118. **International Journal of American Linguistics**, 26/3, 1960.

GUMPERZ, J. Linguistic and social interaction in two communities, **American Anthropologist**, 66/(6/2): 137–53, 1964.

GUMPERZ, J. The speech community. In: **International Encyclopedia of the Social Sciences**, Macmillan, 381-386. Reimpresso em P. P. Giglioli, ed. (1972), *Language and social context*. Middlesex: Penguin Books, 219-231. 1968.

KRAMSCH, C. The cultural component of language teaching [Electronic Version]. *Language, Culture and Curriculum*, 1995, 8(12), 83–92. Acesso em: maio 2015. Disponível em: [http://www.spz.tu-darmstadt.de/projekt\\_ejournal/jg\\_01\\_2/beitrag/kramsch2.htm](http://www.spz.tu-darmstadt.de/projekt_ejournal/jg_01_2/beitrag/kramsch2.htm)

MACNAMARA, J. Bilingualism in the modern world. **Journal of social issues**, 1967.

MAHER, T. M. A Educação do Entorno para a Interculturalidade e o Plurilinguismo. In: KLEIMAN, A. B.; CAVALCANTI, M. C. (orgs.) **Linguística Aplicada: suas Faces e Interfaces**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007a, p.255-270.

\_\_\_\_\_, T. M. Do casulo ao movimento: a suspensão das certezas na educação bilíngue e intercultural. In: CAVALCANTI, M. C.; BORTONI-RICARDO, S. M. (Orgs.). **Transculturalidade, linguagem e educação**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007b, p.67-94.

VERTOVEC, S. Super-diversity and its implications. **Ethnic and Racial Studies**, vol. 30, n.6, p. 1024-1054, nov. /2007.

Recebido em: 25 de maio de 2015.

Aceito em: 07 de julho de 2015.